

FILIPE S. FERNANDES

ISABEL DOS SANTOS

SEGREDOS E PODER DO DINHEIRO


casadasletras

Abertura

Angola apresenta um paradoxo terrível e chocante: uma das maiores concentrações de recursos em África tem sido associada, não ao desenvolvimento e a alguma prosperidade, mas a anos de conflito, declínio económico e miséria humana. Poucos países apresentam um contraste tão acentuado entre o potencial económico e a situação do seu povo. É notável o conjunto de recursos de Angola: petróleo, diamantes, muitos outros minerais, terra em abundância e um clima geralmente favorável, além de enormes recursos hidroelétricos¹.

Angola e o seu sistema político, por mais calamitoso que seja, é um problema dos angolanos, faz parte do drama do seu povo e só a ele diz respeito, ninguém tem o direito de interferir².

Hoje a mulher mais importante, rica e poderosa de Portugal é a angolana Isabel dos Santos. Há mulheres portuguesas importantes, outras que são ricas, e umas quantas que são poderosas, mas só Isabel dos Santos é as três coisas.³ Em 2012, surgiu na lista das grandes fortunas da *Forbes* e no ano

seguinte torna-se a primeira bilionária africana, segundo a mesma revista norte-americana, com uma fortuna avaliada em 3,7 mil milhões de dólares. Por sua vez, o jornal *El País* diz que o valor da sua riqueza «é difícil de contabilizar – entre 6,4 mil milhões a 12,8 mil milhões de reais, segundo pesquisas – já que, por mais que falem, da boca da “menina dos olhos” de seu pai nunca saiu nada.»⁴ Mas, «para angolanos zangados e pobres, ela é a epítome de um sistema que concentra o poder e a riqueza nas mãos de poucos. Chamam-lhe “a princesa”, e não com afeto»⁵. Mas Isabel dos Santos é tanto o resultado de um capitalismo de compadrio (*crony capitalism*), como alguns especialistas denominam o sistema angolano, como do clima de paz que se vive em Angola desde 2002⁶.

I. A paz ainda é uma exceção na história de Angola

A paz em Angola é uma experiência recente, tem cerca de doze anos. Este país esteve em guerra desde o início da luta armada, entre fevereiro e março de 1961, até ao cessar-fogo da guerra civil, em abril de 2002. Pelo meio houve alguns interlúdios de paz instável ou de guerra de baixa intensidade como em 1974-1975, 1991-1992 e 1994-1998. Neste período, lutaram em Angola tropas de exércitos tão díspares como o português, o congolês, o cubano, o sul-africano, além dos vários movimentos armados angolanos. O conflito contou ainda com a presença de conselheiros militares portugueses, norte-americanos, soviéticos, israelitas, búlgaros e o apoio militar dos Estados Unidos e aliados à UNITA e do bloco do Leste ao MPLA. Só no período entre 1992-1994 terão morrido mais de 300 mil angolanos.

Um exemplo de como este passado pesa é o facto de só quarenta e quatro anos depois do último censo Angola soube com precisão quantos cidadãos tinha. De 16 a 31 de maio de 2014, realizou-se o censo da população angolana, que não era contada desde 1970, e, segundo os resultados preliminares do Censo de 2014, Angola tinha 24,3 milhões de habitantes, sendo 11,8 milhões do sexo masculino (48%) e 12,5 milhões do sexo feminino (52%). Os dados revelam que 62% da população reside em áreas urbanas, sendo a província de Luanda a mais populosa, com 6,5 milhões de residentes, o que corresponde a 27% do total do país. Angola tem uma superfície de 1 252 145 quilómetros quadrados, com uma densidade populacional de 20 habitantes por quilómetro quadrado, menos cinco vezes o observado em Portugal.

Os últimos cinquenta anos de Angola viveram experiências tão díspares como um regime colonial, um sistema marxista-leninista, um capitalismo selvagem em que predominam um sistema autoritário e burocrático. Ao mesmo tempo, tem desde 1975 o mesmo partido no poder, o MPLA, e um presidente da República, José Eduardo dos Santos, desde 1979. Como resumiu Tony Hodges, as reformas radicais no início dos anos 1990 «implicaram uma significativa democratização da vida política e criaram espaço para o desenvolvimento do setor privado e da sociedade civil, que no anterior sistema tinham sido fortemente limitados. A redução do papel do Estado foi, no entanto, acompanhada por um enfraquecimento da capacidade estatal para desempenhar as suas funções fundamentais para além da defesa. A capacidade administrativa foi ainda mais afetada por uma acentuada quebra nos salários da função pública (...). Ao mesmo tempo, os vestígios da intervenção administrativa na

economia, bem como os fracos sistemas de transparência e prestação de contas, encorajaram o compadrio, distorcendo a transição para uma economia de mercado. Coincidindo com um vazio moral e ideológico criado pelo abandono do marxismo-leninismo, esta situação gerou uma forma distorcida de capitalismo, em que umas quantas famílias proeminentes e politicamente ligadas ao regime (agora firmemente ancorado na presidência e não no anterior “partido de vanguarda”) aproveitaram as oportunidades para enriquecer»⁷.

NOS últimos doze anos de paz, «o *gap* entre uma pequena elite ultrarrica e uma população rural e urbana empobrecida continua a crescer», mantêm-se grandes deficiências no domínio da educação, da saúde e da segurança social como assinalava um relatório da Bertelsmann Stiftung’s Transformation Index (BTI). No relatório sobre a economia angolana perguntava-se: em que condições Angola parte para construir a sustentabilidade do modelo de repartição equilibrada (e justa) do rendimento nacional? A resposta era pessimista: «Certamente desfavoráveis em termos presentes: pobreza e fome, democracia limitada (apesar das liberdades garantidas pela Constituição da República), elevado desemprego (na vizinhança de 25% a respetiva taxa), regime internacionalmente considerado autoritário, elevados níveis de corrupção e de falta de transparência, do que resultam diferenças significativas no acesso às oportunidades (de estudar, de direito à habitação condigna, de criar riqueza, de inovar, de empreender) e na escala social entre quem tudo tem (várias vivendas e apartamentos, várias viaturas, várias contas bancárias) e quem nada tem.»⁸

Existem, no entanto, alguns sinais de melhoria. Segundo um estudo do Standard Bank, «enquanto em 1990 cerca de 1,2 milhões de angolanos consumiam mais de um dólar por dia, hoje há 7,5 milhões nesta faixa», por outro lado, «apesar de hoje cerca de 54% da população de Angola viver na ou abaixo da linha de pobreza (dois dólares por dia), em 2000 a percentagem da população que vivia nesta categoria extraordinariamente vulnerável estava nos 92%»⁹. Este documento acentuava também que «em 1990, 88% das famílias em Angola estavam na classe de baixo rendimento; em 2010, este valor baixou para 68%, e, simultaneamente, o número de famílias na classe média saltou de 112 mil em 2000 para quase 700 mil em 2010, e 900 mil hoje, sendo que a previsão aponta para que em 2030 haja quase dois milhões de lares de classe média, cobrindo 32% da população».

II. Os vários papéis de Isabel dos Santos

Há contextos que explicam a emergência de fortunas como a de Isabel dos Santos, como o «capitalismo de compadrio», já referido, que predomina em Angola. Mas talvez a sua personalidade explique porque não é como os irmãos Obiang da Guiné Equatorial e tenta olhar para além da administração ou dissipação do património. Como Isabel dos Santos disse ao *Financial Times*, «há muitas pessoas com ligações familiares, mas que hoje não são ninguém. Quem for trabalhador e determinado vai ter sucesso, e isso é o principal. Não acredito em caminhos fáceis»¹⁰. Por estratégia pessoal ou porque acredita mesmo no que diz, Isabel dos Santos invoca, como exemplo inspirador, a avó, Jacinta José Paulino: «O

meu referencial seria alguém como a minha avó, uma mulher africana que vendia no mercado. Ela acordava extremamente cedo de manhã, garantia que os seus filhos estavam alimentados e que iam para a escola e só depois ia para o mercado vender fruta e vegetais para garantir que havia dinheiro para pagar os custos da sua casa. Como ela temos milhares, milhões delas em todo o continente. São uma força fantástica. São elas que realmente intervêm na nossa economia.»¹¹

Isabel dos Santos como testa de ferro

«Isabel dos Santos é a mulher de negócios com mais sucesso em Angola (devido em larga medida ao apoio do pai)», reza um telegrama da embaixada dos Estados Unidos em 2009. Para Rafael Marques, «os grandes negócios de Isabel dos Santos são forjados de duas formas: participando de uma empresa estrangeira que precisa de licenças para abrir caminho em Angola ou por meio de uma concessionária, criada pelo decreto real de seu pai»¹². Este jornalista e ativista dos direitos humanos em Angola diz ainda que «foram vários os decretos presidenciais que permitiram o enriquecimento ilícito de Isabel dos Santos» e «em Angola sabemos que Isabel dos Santos é uma testa de ferro do seu pai, José Eduardo dos Santos»¹³.

Quando estas afirmações surgiram em jornais como o *La Stampa*, em Itália, a revista *Sábado*, em Lisboa, ou a *Forbes*, nos EUA, Isabel dos Santos reagiu com veemência, o que aliás é um dos seus traços de personalidade: «Quando as coisas não se fazem como quer, tem tendência a exaltar-se.»¹⁴

Em 2007, num desmentido à revista *Sábado* escreveu: «Não existe nenhum grupo, empresa ou *holding* familiar.

Não sou testa de ferro do Presidente da República de Angola nem participo, de qualquer forma, na expatriação de fundos para o estrangeiro. Não trabalho nem tenho parcerias com nenhum dos membros da minha família. Não represento nenhum interesse e não represento ninguém a não ser a mim própria. Sou uma pessoa independente. Há mais de uma década escolhi livremente uma carreira diferente e independente da minha família. Desenvolvi a minha própria atividade.»¹⁵

Em 2013, o artigo da revista *Forbes* refere, entre a denúncia e a maledicência: «Para o Presidente Santos, é uma forma infalível de retirar dinheiro do seu país, ao mesmo tempo em que mantém um suposto distanciamento. Se o mandatário de 71 anos de idade sair do governo, pode recuperar os ativos que estão com a filha. No caso de morte, ela mantém o tesouro na família. Se for generosa, Isabel pode optar por partilhar com os seus sete meios-irmãos conhecidos. Ou não. Todos em Angola sabem que os irmãos se desprezam uns aos outros.»¹⁶ A seguir transcrevem uma declaração oficiosa: «A senhora Isabel dos Santos é uma empresária independente e uma investidora privada que representa unicamente os seus próprios interesses. Os seus investimentos em empresas angolanas e/ou portuguesas são transparentes e foram feitos através de transações realizadas em condições de concorrência envolvendo entidades externas, como escritórios de advocacia e bancos idóneos.»¹⁷ Depois da publicação do artigo, um comunicado de Isabel dos Santos desmentiu as alegações de enriquecimento ilegítimo publicadas pela revista norte-americana *Forbes* e garantiu que «nunca o Presidente nem o governo angolanos transferiram ilegalmente ações de empresas para Isabel dos

Santos ou para quaisquer empresas controladas por esta empresária».

Isabel, a empresária

«Angola tem direito a ter uma burguesia nacional que seja cada vez mais forte e mais rica»¹⁸ sintetizava o *Jornal de Angola* em 2012. O que se formou foi o «capitalismo de compadrio» em que os que têm ligações ao Futungo, como o círculo presidencial é conhecido (numa referência ao antigo palácio presidencial, o Futungo de Belas, fizeram fortuna. Este processo de formação da burguesia tem sido marcado por processos predatórios e por um comportamento extrativo e esbanjador.

Isabel dos Santos respira negócios e é certamente o seu principal interesse. Aprecia sobretudo os negócios de telecomunicações onde gosta de interferir com algum detalhe. Preocupa-se em particular com o *marketing* de produtos e em conhecer em detalhe os projetos. Possui igualmente um conhecimento global do negócio e das tendências. É muito focada nos negócios, sobretudo nos que mais gosta. Como é uma *gourmet*, por exemplo, o negócio do restaurante de luxo Oon.dah, em que se associou a duas amigas, ocupou-a durante algum tempo preocupando-se até com os menús.

Constitui um exemplo de empresário angolano que estrutura os seus negócios de forma a constituir um grupo empresarial ou, pelo menos, a ser um *player* no mundo dos negócios. Mas, de certa forma, estrutura os negócios mais como o seu ex-parceiro de negócios Américo Amorim, que não tem um centro corporativo, do que como Paulo Azevedo, o seu sócio na distribuição em Angola.

No seu relacionamento empresarial, Isabel dos Santos mostra, por vezes, algum distanciamento pessoal dos seus sócios e de gestores de grandes empresas em que participa, com quem não contacta tantas vezes como estes gostariam. Há uma certa falta de manifestação de afetividade e proximidade por parte de Isabel dos Santos. A relação de Isabel dos Santos com sócios portugueses tem sido conturbada, ainda que as razões sejam diferentes conforme os casos. Com a PT, os angolanos, Isabel dos Santos, Sonangol e Geni, sentiram-se subalternizados quando a PT preferiu um fundo nigeriano para seu sócio nos negócios para África. Com Américo Amorim a tensão iniciou-se quando Isabel dos Santos contratou Mário Silva, que estava na equipa de gestão do mais rico de Portugal, segundo a *Forbes*. Depois agudizou-se na Amorim energia onde as propostas estratégicas dos angolanos raramente fizeram vencimento. Recentemente, a paz dos anjos com a Sonae agitou-se com as dificuldades em implantar a distribuição em Angola. Além disso, a OPA frustrada à PT SGPS manifestara já a autonomia estratégica de Isabel dos Santos apesar de ser sócia da Sonae na NOS.

Em outubro de 2014, Georges Chikoti, ministro das Relações Exteriores, defendeu que o surgimento de grupos económicos empresariais nacionais fortes e competitivos deve merecer, cada vez mais, o apoio do Estado, tendo em conta as desvantagens que têm em relação aos concorrentes estrangeiros e que esse apoio devia ser feito através do acesso prioritário às cadeias produtivas, importações e aos contratos para fornecimento de materiais, equipamentos e matérias-primas, facilidades na concessão de crédito.

Isabel, a favorecida

O primeiro grande negócio de Isabel dos Santos foi, em termos da história oficial da sua fortuna, a obtenção da concessão de uma rede de telecomunicações móveis, a Unitel. O governo angolano tentou fazer um concurso internacional para a atribuição da licença mas em pleno clima de guerra civil não houve nenhuma manifestação de intenção. Para Isabel dos Santos, o processo de licitação que levou à formação da rede de telefonia móvel Unitel foi «justo», na sua opinião. Foi uma «escolha consciente criar essa relação próxima [entre si e o governo], que embora difícil de ver, existe»¹⁹. Entre 2001 e 2011, a Unitel entregou à Portugal Telecom 830 milhões de euros em dividendos, valor que Isabel dos Santos também deve ter recebido.

Há questões morais, éticas, provavelmente legais, como argumentam vários angolanos críticos, que decorrem do facto de, em vários dos seus negócios, Isabel dos Santos contar com o suporte e o apoio de empresas estatais angolanas, como é o caso da Sonangol, parceira na Unitel, Unitel International e Amorim Energia/Galp Energia, e da Sodiam na De Grisogono.

Isabel, a filhinha do papá

Num artigo da *Jeune Afrique* perguntava-se: «Isabel dos Santos é a filhinha do papá? Não é tão simples, evidentemente que as relações do seu pai ajudaram muito. E o seu dinheiro? Sem dúvida que sim. Mas todos os homens de negócios que trataram com ela – inclui-se o magnata português que está em conflito com ela – concordam em dizer que ela é uma estratega.»²⁰ Depois a revista compara Isabel dos Santos com Pascaline

Bongo, a filha de Omar Bongo, ex-presidente do Gabão, e diz que, enquanto esta é a gestora de toda a fortuna amassada pelo pai, Isabel dos Santos é herdeira que se tornou *tycoon*.

Em entrevista ao *Financial Times*, diz: «Imagino que seja difícil distinguir o pai da filha. Talvez a dificuldade esteja no facto de eu fazer as minhas coisas e de o meu pai ser uma figura política incontornável em África há muitos anos. Faça o que fizer, parece que tenho uma aura sobre a cabeça.»²¹ Numa outra entrevista à TPA-2, canal gerido pela empresa dos irmãos Tchizé e Coréon Dú, no dia do septuagésimo aniversário do pai, em 28 de agosto de 2012, na sua voz doce enaltece as qualidades do pai: «É uma pessoa extremamente carinhosa, tem muito afeto pelos netos. É um homem muito simples e muito inteligente. É muito paciente, muito calmo, tem uma grande qualidade de ouvir, de escutar.» Acrescenta que a sua cor preferida é azul, sendo adepto do FC do Porto; «gosta de comida tradicional, *fungi*; toca guitarra; gosta de ler livros de história, economia, política. Gosta de desporto, joga futebol. É uma mente aberta e flexível. Ele foi o homem que conquistou a paz e para a família foi muito importante. Todos temos muito orgulho nisso.»

Isabel longe da política

«Não estou envolvida em política e nunca desempenhei funções públicas. Como já referi, não trabalho com o Governo.»²² Isabel dos Santos esforça-se sempre por se distanciar da política, embora tenha participado em ações de campanha eleitoral do pai e do MPLA. Mantém um interesse informado como revela um telegrama da embaixada dos Estados Unidos de 2009 que diz «que lamentou que os seus três filhos – de

um, três e cinco anos – não lhe deixem muito tempo para a política, mas mesmo assim pareceu focada na abertura da conferência do MPLA, à qual deve comparecer no final desse dia» e acrescenta: «Isabel, que tem sido citada como potencial sucessora do seu pai, deixou-nos a impressão, após este breve encontro, de estar mais focada nos seus múltiplos negócios, e em interesses externos, como colecionar arte, e a família, do que em posicionar-se para um futuro político. Ainda assim, ela mostrou grande interesse pelo Congresso do MPLA e estava claramente familiarizada com os detalhes organizacionais do evento, referindo mesmo o número de delegados que estarão presentes de fora do país»²³.

Repete que quando lhe perguntam: «Vê alguma ironia no facto de a filha de um guerreiro comunista da Guerra Fria ser hoje o símbolo do capitalismo africano?», responde: «Percebo o que quer dizer, mas como já disse não faço política. Sou empresária e não política.»²⁴

Isabel, o empreendedorismo contra a desigualdade

Na entrevista ao *Financial Times* transparece a ideia de que será através da dinamização do tecido empresarial que se vai combater e aliviar a desigualdade e vê-se como uma força que pode aliviar a desigualdade. «Como reduzimos a desigualdade? Criando oportunidades e mais desenvolvimento. Trabalhando, fazendo coisas. Vai levar muito tempo, mas quanto mais coisas acontecerem, mais coisas vão sendo construídas.»²⁵ E expõe, numa espécie de lei determinista, que pela via do empreendedorismo se pode passar da pobreza à classe alta: «Se viver num país como aquele em que tenho a sorte de viver, um país como

Angola, onde o crescimento económico tem sido tremendo, em que temos tido um crescimento nos últimos anos de 10%, é possível que as pessoas passem da pobreza à classe média e daí para a classe alta. Angola oferece um excelente ambiente para quem queira começar um negócio.»²⁶

No entanto, apesar da dinâmica e vitalidade da economia informal, esta não deixa de ser a manifestação de um empreendedorismo de sobrevivência. No *ranking* Doing Business de 2015, publicado pelo Banco Mundial, em que se avalia a facilidade de criar empresas e fazer negócios, Angola ocupa o 181.º lugar (num total de 189 economias), a África do Sul o 43.º e Moçambique o 127.º Por outro lado, numa «economia rendeira» como a angolana não é fácil a «transformação da mentalidade de renda numa cultura de lucro, de salário (como contrapartida de trabalho produtivo e útil) e de produtividade». Além disso, «a repartição política da renda petrolífera é que determina a participação dos agentes no processo produtivo e não os valores de trabalho, de empreendedorismo e de inovação. O acesso a essa renda não é democrático e os critérios são essencialmente políticos»²⁷.

Isabel e a mãe

A mãe, Tatiana Kukanova, tem uma grande influência sobre Isabel dos Santos e foi com ela que viveu em Luanda e em Londres. Tatiana, que segundo *Le Monde*, vive entre Londres e o Mónaco, é muito próxima da filha, Isabel dos Santos, e dos três netos, com quem se encontra muitas vezes em Lisboa. Estes seguem as pisadas da mãe e começam a ser fluentes em várias línguas.

Tatiana Kukanova surge nas contas divulgadas pelo denominado SwissLeaks, que se baseia nas listas das contas na filial suíça do HSBC, obtidas por Hervé Falciani, um ex-funcionário, em 2008, e agora divulgadas. Na sua conta estavam, em 2006-2007, mais de 4,5 milhões de euros.

Isabel, uma vida banal

Isabel dos Santos é discreta na sua vida, não dá entrevistas, aparece o menos possível e gosta de dizer que leva uma vida banal. Não tem motorista, costuma andar sozinha, sem segurança, e é ela que conduz nos engarrafamentos colossais em Luanda. «Trabalho todos os dias, sete dias por semana.» Mas diz que o seu trabalho é divertido. «Se aquilo que fazemos der emprego a alguém, esse “alguém” vai poder pagar a educação do filho que, um dia, vai ser médico e que, por sua vez, vai ajudar muitas outras pessoas, o que é muito motivante e mais divertido do que ir à praia.»²⁸ Como escrevia uma publicação espanhola, «a imprensa retrata-a como uma das mulheres mais poderosas do mundo, mas não comentam o seu estilo, a sua forma de vestir. A razão é óbvia: apesar de dezenas de artigos jornalísticos que falam e escrutinam o seu poder económico, a “princesa” de África insiste em vestir-se de forma austera para não parecer ostentosa»²⁹. Uma descrição no jornal brasileiro *O Globo* ajuda a acentuar o retrato: «No dia 12 de junho, na abertura da Copa do Mundo, ela usava só calças de ganga e uma blusa preta especial da grife *Hugo Boss*. Para compor o visual, nada de diamantes raros de Angola ou peças da sua joalheria suíça De Grisogono. E os cabelos? Presos num simples rabo-de-cavalo. Era assim

que a engenheira Isabel José dos Santos – filha do Presidente angolano, José Eduardo dos Santos, e a mulher mais rica da África, com fortuna estimada pela *Forbes* em 3,7 mil milhões de dólares – circulava quase anonimamente em um dos espaços VIP do Itaquerão, em São Paulo.»³⁰

Mas também diz: «não me preocupo demasiado com clichés. Tem de se continuar a fazer o que se faz. Se se gosta de trabalhar, trabalha-se. Se se gosta de estar com os filhos, está-se com os filhos. Basicamente, tudo se resume a orientar a sua vida pelos seus princípios e valores e a retribuir à sociedade. Há que estar presente e envolver-se, garantindo que, onde quer que se viva, se contribui para que esse local se torne num espaço melhor»³¹.

Isabel no *star system*

A 20 de maio de 2014, uma sorridente Isabel dos Santos de brincos com diamantes posa ao lado de Sharon Stone, Antonio Banderas, Amber Heard, Gary Dourdan, Cara Delevingne, Tamara Ecclestone, entre outras cintilâncias na *soirée* da De Grisogono, no Hotel Eden Roc, em Cap d'Antibes, durante o 67.º Festival de Cinema de Cannes. A circulação de Isabel dos Santos entre as elites globais não se cinge às estrelas de cinema e televisão. Em Portugal, foi, por exemplo, convidada para o casamento de uma filha de Fernando Ulrich, é sócia de Américo Amorim e Paulo Azevedo. No Brasil, tem amigos no meio da alta sociedade como Ana Paula Junqueira, Helcius Pitanguy, filho do cirurgião plástico Ivo Pitanguy, além dos empresários dos principais grupos que atuam em Angola.

Isabel angolana

O aparecimento de Isabel dos Santos nas listas dos milionários da *Forbes* levou o *Jornal de Angola* a referi-la como mais um exemplo de como «os angolanos têm motivos de sobra para se orgulharem do seu país», escrevendo que «enquanto damos o nosso melhor por uma Angola sem pobreza, exultamos com o facto de a empresária angolana Isabel dos Santos ser uma referência no mundo financeiro. Isso é bom para Angola e enche de orgulho os angolanos. Afinal, o nosso sonho dourado é que todos os seres humanos sejam ricos e não haja carenciados, seja em que região for do planeta»³².

Para Sindika Dokolo, o marido, Isabel dos Santos sintetiza as três qualidades que atribui aos angolanos e que são autoconfiança, estabilidade e ambição: «Acho que ela tem três coisas que são qualidades especificamente angolanas e que, na minha opinião, fazem de Angola um projeto de futuro. Primeira, a autoconfiança, tem confiança no futuro, olha para o futuro não só de uma maneira positiva mas com apetite. A segunda é a estabilidade, é uma pessoa muito calma, muito estável, gosta de refletir com uma perspetiva a longo prazo, tem as suas opiniões muito próprias. E com muita ambição. É interessante porque, quando cheguei a Angola, havia ainda uma guerra das mais terríveis do continente e fiquei admirado com uma atitude que os angolanos têm, que é uma capacidade para apostarem num futuro muito melhor, não fazer muito caso das dificuldades, dos constrangimentos, e olhar para a frente sempre com uma exigência, expectativa e ambição. A minha mulher tem estas três qualidades.»³³

I

Entre Luanda e Londres,
o pai e a mãe

Isabel José dos Santos nasceu em Baku a 20 de abril de 1973. O pai, José Eduardo dos Santos, que, nessa altura, estava desde 1970 nos Serviços de Telecomunicações na 2.ª Região Político-Militar do MPLA, em Cabinda, deu-lhe o nome de Isabel para homenagear a irmã que o acompanhara na infância. Como explica Isabel dos Santos: «O meu pai nasceu no bairro de São Paulo, onde vivia a minha avó Jacinta com o meu avô Eduardo. A sua primeira filha chamava-se Isabel. A minha avó saía muito cedo para ir trabalhar e quem tomava conta do meu pai era a minha tia Isabel. Por este respeito, carinho e orgulho que teve na sua irmã mais velha deu-me o mesmo nome dela.»³⁴

O Pai

José Eduardo dos Santos nasceu a 28 de agosto de 1942, em Luanda, filho de Eduardo Avelino dos Santos e de Jacinta José Paulino, ambos já falecidos. Jacinta José Paulino nasceu em Luanda, no bairro do Cezuno Kabilango, atual município da Ingombota, a 10 de junho de 1905, tendo falecido a 8 de março de 1991. Foi quitandeira, atividade que herdou de sua

mãe, Domingas Justino, e que exerceu em vários locais, entre os quais no mercado do Chamavo, onde ia perdendo a vida quando o referido mercado desabou em 14 de setembro de 1948. Casou-se com Eduardo Avelino dos Santos, que era pedreiro, e faleceu em 20 de janeiro de 1987. Tiveram sete filhos, entre os quais cinco rapazes. Estão em vida Avelino Eduardo dos Santos, José Eduardo dos Santos (Presidente da República), Lucrecio Eduardo dos Santos, Luís Eduardo dos Santos e Marta Eduardo dos Santos. Isabel e outro irmão já faleceram.

José Eduardo dos Santos frequentou a escola primária do seu bairro, Sambizanga, e o ensino secundário no Liceu Salvador Correia quando se ligou a grupos clandestinos que se constituíram nos bairros suburbanos da capital, na sequência da criação, em 10 de dezembro de 1956, do MPLA.

Em 4 de fevereiro de 1961, grupos de nacionalistas angolanos sublevam-se em Luanda atacando a prisão de São Paulo e diversas esquadras da polícia. Meses mais tarde, a 7 de novembro de 1961, um grupo de nacionalistas angolanos, entre os quais José Eduardo dos Santos, escapou à vigilância policial portuguesa e fugiu na traineira *Zaire*, uma das embarcações que ligavam Luanda a Cabinda, Brazzaville e Leopoldville. Era a partir desta última cidade que coordenava a atividade da Juventude do MPLA (organismo de que é um dos fundadores). Em 1962, integrou o Exército Popular de Libertação de Angola (EPLA), participando na preparação das condições para a abertura da 2.^a Região Político-Militar (Província de Cabinda), que foi criada em 1964, quando o MPLA mudou a sua base de Kinshasa para Brazzaville, e no ano seguinte foi o primeiro representante do MPLA em Brazzaville, República do Congo.

Em novembro de 1963, beneficiou de uma bolsa de estudos para o Instituto de Petróleo e Gás de Baku, na antiga União Soviética, tendo-se licenciado em Engenharia de Petróleos em junho de 1969. Durante esse período foi o principal dirigente da Secção dos Estudantes Angolanos na URSS, tendo estabelecido laços fortes com José Pedro Van Dunem Loy. Casaram-se ambos com russas chamadas Tatiana e os casais foram padrinhos de casamento um do outro. Terá também jogado futebol no Neftchi (Azerbaijão), equipa de futebol da primeira liga soviética, embora, segundo outras fontes, não tenha passado das segundas linhas.

Foi em Baku que José Eduardo dos Santos conheceu a mãe de Isabel dos Santos, Tatiana Kukanova, uma russa campeã de xadrez que estudava geologia. O Azerbaijão, então posto avançado russo, acolhia jovens quadros promissores de movimentos de libertação alinhados com o regime comunista, como o MPLA, onde militava o pai de José Eduardo dos Santos. «Foram precisos sete anos para obterem todas as autorizações e casar. Não penso que se tenham conhecido através do KGB, caso contrário teriam obtido os papéis mais depressa.»³⁵

Sublinhe-se que Baku não era só um ponto de encontro para os nacionalistas africanos mas também um berço de campeões de xadrez como Garry Kasparov, Teimour Radjabov, Vugar Gashimov, Ashot Nadanian, Emil Sutovsky, Rauf Mamedov, Tatiana Zatulovskaya, Alexander Sakharov, Farid Abbasov, e Vladimir Hakobyan.

Em Baku, depois de terminados os seus estudos superiores, frequentou durante um ano um curso militar de Telecomunicações, que o habilitou a exercer, de 1970 a 1974, sucessivamente as funções de operador do Centro Principal de Comunicações da Frente Norte e responsável-adjunto dos

Serviços de Telecomunicações na 2.^a Região Político-Militar do MPLA (Cabinda).

Com o 25 de Abril de 1974, em que os militares portugueses derrubaram o regime ditatorial e que tinha no império colonial uma das suas pedras basilares, abriram-se novas perspectivas para os nacionalistas angolanos. Nessa altura, José Eduardo dos Santos começa a ocupar novos cargos no xadrez de poder do MPLA. Em 1974, foi designado membro da Comissão Provisória de Reajustamento da Frente Norte, responsável das Finanças da 2.^a Região, e, até junho de 1975, volta a ser o representante do MPLA em Brazzaville. Nessa época, assumiu a coordenação do estratégico departamento de Relações Exteriores do MPLA, organizando a instalação desses serviços em Luanda e desenvolvendo intensa atividade diplomática, que o leva a várias capitais africanas.

Em setembro de 1975, na Conferência Internacional do MPLA, que se realizou na Frente Leste (Moxico), José Eduardo dos Santos foi eleito membro do Comité Central e do Bureau Político, estabelecendo a coordenação da atividade política e diplomática a nível da 2.^a Região.

Com a proclamação da independência de Angola, em 11 de novembro de 1975, foi nomeado ministro das Relações Exteriores e teve como principais objetivos diplomáticos o reconhecimento do governo do MPLA, depois de este ter expulso os outros dois movimentos, FNLA e UNITA, que estavam no governo de transição, tendo Angola sido reconhecida como membro de pleno direito da OUA, em fevereiro de 1976, e da ONU, em dezembro do mesmo ano.

No 1.^o Congresso do MPLA, realizado em dezembro de 1977, foi reeleito membro do Comité Central e do Bureau Político do MPLA – Partido do Trabalho, o que lhe permitiu,

entre 1977 e 1979, desenvolver as funções de secretário do Comité Central para a Educação, Cultura e Desportos, primeiro, depois de secretário do Comité Central para a Reconstrução Nacional e, mais tarde, para o Desenvolvimento Económico e Planificação.

Entretanto, exerceu o cargo de primeiro vice-primeiro ministro até dezembro de 1978, altura em que foi nomeado ministro do Plano.

Deste período, Isabel dos Santos recorda sobretudo o facto de o pai a ter ensinado «a ler e a escrever»³⁶ e faz parte das suas memórias mais importantes o primeiro dia de escola: «Lembro-me desse dia. O meu pai era ministro das Relações com o Exterior, que na época se chamava Negócios Estrangeiros. Ele levou-me à escola, deixou-me lá e tive de ficar à espera até me ir buscar.»³⁷

Nesta altura, José Eduardo dos Santos tinha já uma outra relação afetiva, desta vez com uma angolana, Filomena de Sousa «Necas», filha de pai originário de Cabo Verde e mãe angolana, e que seria a mãe de José Filomeno de Sousa dos Santos, nascido a 9 de janeiro de 1978. Conhecido como Zenú, teve uma educação similar a Isabel dos Santos. Fez o ensino de base na escola Ngola Kanine em Luanda, frequentou a sétima classe (ano letivo 89/90), na escola Juventude em Luta (sala 1, turma AR). Era visto como «um estudante muito calmo que estudava no meio dos outros sem distinção», não obstante gozar da «imunidade» de ser levado de *Mercedes* e com dois militares (guarda-costas)³⁸.

A 10 de setembro de 1979, faleceu o Presidente de Angola, Agostinho Neto, que originou uma grande comoção nacional como revelam alguns títulos no *Jornal de Angola*, 12-9-1979, «Faleceu vítima de grave doença, o Camarada

Presidente Agostinho Neto. Glória Imortal ao Guia da Revolução». A notícia decreta luto nacional por 45 dias. *Jornal de Angola*, 13-9-1979, «Combatentes das FAPLA prestam tributo à memória do Grande Líder da Revolução», artigo assinado por Iko Carreira, ministro da Defesa. *Jornal de Angola*, 14-9-1979, «JMPLA – Juventude do Partido apela ao reforço da unidade em torno do Comité Central», artigo assinado pelo Secretariado Nacional da Juventude do Partido.

Pouco mais de um mês depois, a 20 de setembro de 1979, José Eduardo dos Santos foi eleito Presidente do MPLA e investido no dia seguinte nos cargos de Presidente do MPLA – Partido do Trabalho, de Presidente da República Popular de Angola e comandante em chefe das FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola). Torna-se Presidente da República numa situação de guerra civil no quadro da guerra fria, tendo o apoio de um contingente militar cubano e o apoio militar da URSS e enfrenta os estilhaços da tentativa de golpe de Estado de Nito Alves, em 1977, que pôs o MPLA a ferro e fogo. Como cita Catarina Antunes Gomes, «a facção que controlava o poder na altura não tinha substituto para Agostinho Neto, uma vez que o seu herdeiro natural, o número dois do regime, não queria assumir o poder: era mestiço e não se julgava em condições de presidir a um país de grande predominância negra. O número dois era então Lúcio Lara. Com o seu grupo, fortemente apoiado pelo contingente militar cubano com poder de neutralização de ameaças, faz avançar José Eduardo dos Santos na reunião extraordinária do Comité Central do partido único para decidir a sucessão, onde surgiram como candidatos Ambrosio Lukoi, apoiado pelo clã kikongo, e

Roberto de Almeida, apoiado pelos Catetes, a guarda pretoriana de Agostinho Neto. O argumento principal era que José Eduardo dos Santos seria o delfim designado segundo um pretenseu testamento escrito pouco antes de morrer. Lúcio Lara preparava-se por comandar os destinos do país por interposta pessoa»³⁹.

Por outro lado, após a crise de Nito Alves, em maio de 1977, o MPLA transforma-se num núcleo de poder autoritário e coercivo. «Como observado, da crise nitista resultou uma política de disciplinarização e exclusão das massas não só em relação às estruturas do partido, mas também em relação aos processos político-institucionais do sistema político-económico. Recorde-se como o sistema de poder adoptou, nesse contexto, formas de exercício do poder cada vez mais autoritárias e coercivas como um dos mais significativos mecanismos da sua diferenciação/afirmação e autopreservação». É precisamente neste sentido que Kaure faz o seguinte comentário: «O MPLA estava assim satisfeito (principalmente após a tentativa de golpe de Nito Alves em 1977) com o seu estatuto de pequeno partido de vanguarda composto por (e aparentemente existindo para) alguns escolhidos. É quase inaudito que um partido político na África independente pudesse recusar totalmente filiação a muitas centenas de indivíduos argumentando que as suas credenciais revolucionárias eram desconhecidas ou suspeitas. (...) Tal ilustra empiricamente como a conversão em MPLA-PT pode, ainda contingencialmente, operar como uma forma de redução da complexidade. Na realidade, durante a campanha de retificação pós-Nito Alves, cerca de 20 000 candidaturas a membros do MPLA terão sido, segundo o mesmo autor, recusadas. Esta política de exclusão explica, por seu turno,

o facto de se estimar haver, em 1985, apenas cerca de 34 800 membros filiados no partido»⁴⁰. E assim começou o percurso presidencial de José Eduardo dos Santos, que dura até hoje.

A mãe

Tatiana Kukanova era geóloga cooperante na Sonangol, chegara a Luanda pouco antes da independência, tendo vivido uns meses antes com Isabel dos Santos numa aldeia do Congo, Brazzaville. Em Luanda viviam no bairro de Alvalade. Eram tempos de muitas dificuldades e alguma penúria. E foi destes tempos que surgiu a menção de Isabel dos Santos à sua propensão para venda de ovos para comprar algodão doce, feita ao *Financial Times*, e que seriam as pequenas trocas e vendas feitas entre funcionários, a que Isabel dos Santos assistia e participava depois de vir da escola. Como refere «nunca fomos dados à grandiosidade. Eu ia a pé para a escola»⁴¹. Num *site* angolano procura dar-se uma explicação plausível. Nessa época vivia-se em Luanda com escassez de bens alimentares e de consumo e na época a mãe, que trabalhava no departamento de geologia da Sonangol, fazia algum comércio informal como quase todos os luandeses pois o regime nacionalizara todas as atividades económicas, vendendo cartões de ovos: «Alguns funcionários da petrolífera estatal acabariam por se tornar seus clientes. Isabel dos Santos contava com seis anos de idade e, sempre que saía da escola, levavam-na diretamente para o trabalho da mãe, acabando por ter a convivência no negócio (de cartões de ovos) razão pela qual se terá sentido parte do negócio»⁴².

Segundo Valentin Varennikov, general soviético que foi consultor de guerra das forças armadas angolanas, nas suas memórias aborda também as relações familiares do dirigente angolano. «A sua vida pessoal desenvolveu-se de forma bastante mais dramática. Sob a pressão das tradições nacionais, ele teve de deixar a esposa branca e a filha para constituir uma nova família, porque a esposa do Presidente devia ser negra. Dos Santos sujeitou-se aos costumes do seu povo.» Porém, Valentin Varennikov acrescenta: «Comportou-se de forma bastante nobre em relação à sua família anterior: deu-lhe uma *villa*, concedeu à antiga esposa uma pensão e um subsídio à filha.»⁴³

Em meados dos anos 1980, Tatiana e a filha Isabel dos Santos foram viver para Londres, onde a primogénita de José Eduardo dos Santos passou a estudar na St. Paul's Girls School, uma escola privada e tradicional. O seu objetivo era a engenharia. Como referiu numa entrevista, «Sou hoje engenheira porque gosto de matemática, sempre adorei ciências, e segui um pouco as passadas dele, se bem que hoje a minha vida é diferente da dele, mas é sem dúvida um grande homem»⁴⁴.

Depois, quando ingressou no King's College, partilhou um quarto numa residência em Edgware Road. Uma vez mais, não perdeu a oportunidade de lembrar que teve uma vida difícil. «Além das vinte e três horas de aulas teóricas por semana, também tínhamos aulas práticas e relatórios para apresentar. Não havia tempo para brincadeiras»⁴⁵ e reconhece que os pais «eram muito exigentes» com a sua educação. A mãe, que passa a ter Londres como residência principal, adquiriu nacionalidade britânica. Segundo o seu CV no *site* da Galp Energia, Isabel dos Santos fala fluentemente russo, português, inglês, francês, espanhol e italiano.

Ao longo do tempo, Isabel dos Santos foi ganhando mais irmãos para além de José Filomeno dos Santos, embora não tenha, segundo o *Financial Times*, «uma relação muito próxima com os irmãos nascidos» de outros casamentos e uniões do pai. De Maria Luísa Perdigão Abrantes (23 de julho de 1951), José Eduardo dos Santos tem dois filhos, Welwitschia José dos Santos e José Eduardo Paulino dos Santos, e com Maria Bernarda Gourgel tem um filho, José Avelino Gourgel dos Santos (28 de dezembro de 1988). Casou-se pela segunda vez a 17 de maio de 1991 com Ana Paula Cristóvão Lemos (Luanda, 17 de outubro de 1963) e tem dois filhos, Eduane Danilo Lemos dos Santos (29 de setembro de 1991) e Eduardo Breno Lemos dos Santos (2 de outubro de 1998), e uma filha, Joseana Lemos dos Santos (5 de abril de 1995). Com Eduarda, conhecida por Dadinha, foi pai de Josias dos Santos.